

Livros com asas

Estava uma tarde calma na cidade de São Nunca à Tarde. Aí nunca havia barulho e todos eram leitores. A vida da população desta cidade era passada na biblioteca municipal, o centro do Mundo para aquelas pessoas.

A biblioteca era colorida, acolhedora e muito utilizada. Lá liam-se histórias maravilhosas, descobriam-se novos mundos e imaginavam-se grandes futuros.

Nessa tarde, encontravam-se cerca de cem pessoas naquele santuário onde uns liam, outros navegavam por mundos desconhecidos e alguns punham a conversa em dia.

Subitamente, ouviu-se um estrondo junto à estante dos grandes livros, os atlas. Quando todos chegaram perto do local em causa, os livros ganharam asas e começaram a voar de um lado para o outro, dentro da biblioteca. Procuravam desesperadamente uma janela por onde fugir, mas a bibliotecária foi mais inteligente e levou a melhor, pois fechou-as antes que fugissem.

Sem saber nem como nem porquê, todos os outros livros que existiam naquele espaço santificado começaram a voar. Será que se sentiam revoltados? Mas porquê? Não gostavam da fama que tinham? Não gostavam de estar naquele belo e iluminado santuário? Será que queriam ser livres? Bem, ninguém sabe isso pois os livros mostram-nos as histórias que já aconteceram há algum tempo atrás e que alguém escreveu, mas não falam da sua vida nem do que viram. Talvez os colegas das prateleiras, quando ninguém estava a ver nem a ouvir, falassem. Mas, naquela tarde calma, ninguém entendia nem percebia o que se tinha passado. A multidão estava estupefacta e sem palavras para descrever ou justificar o acontecido.

Os livros voavam e voavam, todos juntos, como se fossem um bando de gaivotas a sobrevoar o oceano. Eles queriam a liberdade que não lhes era dada naquele sítio. Afinal de contas, até os objectos têm direito à liberdade.

Toda a população comentava: «Livros com asas? Como é que isto pode existir? Serão alguns animais? Serão aves? Serão mágicos?»

Repentinamente aparece um velho sábio que diz:

- Os livros? Os livros são mágicos, são eternos, são maravilhosos, são maravilhas do mundo! Eles não vos fazem sonhar?

- Sim...sim...sim - respondeu a multidão.

- Eles não vos fazem voar? Não vos fazem navegar em novos mundos?

- Sim...sim...sim - Respondeu a população, dando razão ao velho sábio.

- Eles não vos fazem pensar no infinito? Alcançar o horizonte?

- Sim...sim...sim.

- Os livros são mágicos, tem o senhor toda a razão, mas porque será que se revoltaram? - perguntou a bibliotecária, muito intrigada.

- Isso só eles sabem, mas se fosse eu também o faria! Já repararam como as crianças os tratam? Eles são objectos, mas também se sentem magoados quando os rasgam, quando os deitam no chão, quando os riscam...

Um livro, muito sentido com a conversa e com a forma de falar do sábio aproximou-se e, pela primeira vez na vida, um livro falou. E disse:

- Será que você é a única alma que nos compreende? Que nos defende? Talvez seja a única pessoa com coração no meio deste imenso mundo maldito.

Isto pôs a pensar as cerca de cem pessoas presentes. Cada uma foi experimentando, à sua maneira, um sentimento de culpa, dor e pena.

Passados alguns momentos, ouvia-se pelo meio da multidão:

- Peço desculpa, minha linda e divertida comédia. - disse tristemente um pobre homem.

- Desculpa, minha tragédia! Desculpa! - disse uma velha, muito velha.

- Desculpa, meu Eça de Queirós. Mostra-me o teu novo romance e eu prometo proteger-te de tudo e todos - disse uma jovem muito bela.

Continuaram a ouvir-se pedidos de desculpa de homens, mulheres, adolescentes, idosos, crianças, de pessoas de todas as idades, aos mais variados tipos de histórias.

- Todos nós vos desculpamos, se nos tratarem melhor, se forem mais amáveis connosco, se nos tratarem como se fossemos um tesouro de mil e uma pedras cintilantes a brilhar no fundo do mar, como se fossemos muito valiosos, algo que pouca gente possui. Basta prometerem-nos que nos vão fazer sentir especiais e felizes.

- Sim, sim, sim - respondeu a multidão - PROMETEMOS!

Mal os livros ouviram esta resposta, voltaram às suas estantes e as pessoas, muito aflitas, foram a correr buscar os seus preferidos: as jovens correram para as aventuras, as idosas caminharam para os romances, as crianças atropelaram-se em direcção às histórias de fantasia...

Cada um com o seu gosto.

Mas houve um livro que nunca era lido, nunca era consultado e ninguém o queria. Sentiu-se triste e libertou a fúria que havia dentro dele, libertou as suas asas, voou até ao topo da biblioteca e começou a gritar como se fosse louco. Ele dizia:

- PORQUE É QUE NINGUÉM ME CONSULTA? PORQUE É QUE NINGUÉM ME LÊ? PORQUE É QUE SOU SEMPRE O RENEGADO? PORQUE É QUE SOU O ÚNICO QUE NINGUÉM ESCOLHE? SERÁ QUE NÃO SOU IGUAL AOS OUTROS? SERÁ QUE, POR NÃO TER UMA CAPA BELA COMO OS OUTROS JÁ NÃO SOU BONITO? PORQUÊ? PORQUÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊÊ?

- Pobre livroooooooooo! Sabes porque é que ninguém te escolhe? - perguntou uma jovem bastante atraente.

- Não, por isso é que estou a perguntar! Ninguém gosta de mim?!

- Não tem nada a ver com isso. As pessoas normalmente escolhem livros alegres, românticos e divertidos. Mas a tua história é triste, é uma história que, depois de lida faz uma pessoa ficar ainda mais triste e com pena da pobre criança que perdeu os pais num acidente.

- Vou ter de mudar a minha história?

- Não, claro que não! Cada um é como é e não temos de alterar a nossa maneira de ser para os outros gostarem.

- Isso quer dizer que vais ler-me? - perguntou o livro com um sorriso nos lábios.

- Siiiiim, belo livro.

Foi assim que acabou a história dos livros voadores, melhor, dos livros com asas.

Agora, de dia, os livros estão expostos nas longas estantes da biblioteca para que possam ser lidos por todos e, de noite, vagueiam pelo céu, junto às estrelas.

